



ROMANOS 1: MENOS FILTRO E MAIS PRÓXIMO

(*Romans 1: less filter and closer*)

Aislan Fernandes Pereira

Mestrando do Programa de Pós-graduação em Filosofia – UFPB

E-mail: aislanfp@gmail.com

RESUMO

Há um certo ocultamento ou empobrecimento de informações significativas, em traduções bem conhecidas do texto grego, no primeiro capítulo de Romanos. É o caso de várias versões em inglês, português e em alemão. Grande parte dessas versões são baseadas no *Textus Receptus*. Em face desse problema, é apresentada uma nova tradução, sob o texto crítico, de Westcott e Hort, de 1885. Para evitar certos filtros histórico-teológicos dessas traduções, recorrendo a um texto mais literal, sem aumentar o esforço do leitor em superar a distância do contexto autoral, a tradução proposta não só adota complementos auxiliares, como é seguida de uma série de comentários elucidativos de suas principais palavras e temas.

Palavras-chave: Romanos; Tradução; Comentário

ABSTRACT

There is a certain concealment or impoverishment of meaningful information in well-known translations of the Greek text on the first chapter of Romans. This is the case of several versions in English, Portuguese and German. Most versions are based on the *Textus Receptus*. Face to this problem, a new translation from the Westcott and Hort critical text (1885) is presented. Furthermore, to avoid certain historical-theological filters of these translations, by using a more literal text, without increasing the reader's effort for overcome the distance from the author context, a proposed translation not only adopts auxiliary complements as it is followed by a series of comments of its main words and themes.

Keywords: Romans; Translation; Commentary

INTRODUÇÃO

Há um certo ocultamento ou empobrecimento de informações significativas, em traduções bem conhecidas do texto grego do primeiro capítulo de Romanos. É o caso de versões em inglês, como *King James* e *New International Version* (NIV), e até a de Hart; em português, como *Almeida Corrigida e Revisada Fiel* (ACRF), *Almeida Revisada Imprensa Bíblica* (ARIB), *Versão Católica*, *Nova Versão Internacional* (NVI), *Bíblia de Estudo de Genebra*, e a própria versão do comentador Hendriksen¹; e, em alemão, como *Luther*. Grande parte dessas versões, que podem ser consultadas de uma mesma fonte digital *online*², são baseadas no *Textus Receptus*. Em face desse problema, é apresentada uma nova tradução, sob o texto crítico, de

¹ HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento. Romanos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

² BÍBLIA ONLINE, disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br>>, acesso em: 24 out. 2017.



Westcott e Hort, de 1885, (preferível por estar) disponível na fonte digital do *Perseus*³. O problema, logo, pelo menos no primeiro capítulo, não é a escolha do texto grego, uma vez que a diferença do texto crítico com o *Textus Receptus*, presente nos versículos 3, 16, 19, 29 e 31, não é significativa. No versículo 16, por exemplo, o segundo tem “evangelho de Cristo” em vez de “evangelho”. E nos versículos 29 e 31, o segundo acrescenta “prostituição” ou “fornicação” (*πορνεία*) e “implacáveis” (*ασπονδους*) a uma lista, já grande, que não pretende ser exaustiva. O problema está nessas traduções, curiosamente com uma certa uniformidade, como se houvesse uma tradição própria.

Este trabalho não é inicial nem tampouco final. Já é uma revisão de um esforço anterior semelhante, de tradução e comentários da mesma passagem, contudo com diferenças marcantes. Isso, aliás, reforça o trabalho da tradução como algo de contínua revisão, cuja busca pela imparcialidade, no sentido colocado por Perelman e Olbrechts-Tyteca⁴, não implica uma objetividade ideal irrealizável, pois certos pré-conceitos são admitidos e tomados como pontos de partida, uma vez que uma operação de autoconsciência, fora da História, como defende Gadamer⁵, não é possível. Nesse sentido, para evitar (uma tradição de) certos filtros histórico-teológicos, recomenda-se ser o mais literal possível, como é o caso das versões recentes de Hart⁶ e Lourenço⁷, os quais deixam clara essa preocupação. Por outro lado, isso aumenta o esforço do leitor em superar a distância do contexto autoral, de uma língua e cultura bem diferentes. Para balancear essas demandas, a tradução proposta não só adota complementos auxiliares, como é seguida de uma série de comentários elucidativos de suas principais palavras e temas – as palavras transliteradas estão todas sem acento.

TEXTO TRADUZIDO DE ROMANOS 1

Os trechos em negrito da tradução em questão, em geral, enfatizam uma significativa divergência às principais traduções. A maior parte desses trechos são comentados. Já o que se encontra entre parênteses representa um complemento, não presente no original, auxiliar ao entendimento do fluxo de raciocínio do autor. Cada versículo recebe antes sua numeração entre colchetes.

[1] Paulo, “escravo” (enquanto **instrumento vivo**) de Cristo Jesus, (como) apóstolo **vocacionado**, (já que) **tendo sido delimitado**, para o evangelho de Deus, [2] o qual **preunciou**, por meio de seus profetas, nas escrituras sagradas, [3] a respeito de seu filho, que nasceu de um descendente de Davi, (**messiânico**) segundo a “carne” (**da tradição**), [4] o qual foi “**batizado**” de filho de Deus com poder (**sob o reino**), conforme o (**viver em**) espírito de santidade, a partir do **levantar dos mortos**, (a saber) de Cristo Jesus, do nosso senhor, [5] por quem (por um ato passado) recebemos graça e apostolado, para obediência de fé, entre todas as

³GREEK and Roman Materials, Perseus Hopper, disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collection?collection=Perseus:collection:Greco-Roman>>, acesso em: 24 out. 2017.

⁴PERELMAN, Chain; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie, *Tratado da Argumentação: a Nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

⁵GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

⁶HART, David Bentley. *The New Testament: A Translation*. [s.l.]: Yale University Press, 2017.

⁷LOURENÇO, Frederico. *Bíblia: Novo Testamento – Os quatro Evangelhos*, [s.l.]: Companhia das Letras, 2017.



etnias, por causa do seu **renome**. [6] Mas também, entre essas (etnias), vós sois **vocacionados** de Cristo Jesus. [7] A todos os que são de Roma, aos amados de Deus, santos **vocacionados**, graça e paz a vós de Deus, do nosso pai, bem como do senhor Cristo Jesus.

[8] Agradeço primeiro a meu Deus, por meio de Cristo Jesus, a respeito de todos vós, porque a vossa fé é anunciada em todas as partes da **ordem (romana)**, [9] pois Deus é minha testemunha, a quem sirvo **oferecendo** o meu espírito (para viver) segundo o evangelho do seu filho, e que incessantemente faço menção de vós, [10] em todo tempo, em minhas orações, implorando, se de algum modo, em algum momento, sem demora, serei bem conduzido, pela vontade de Deus, em ir até vós, [11] pois anseio vê-los, a fim de que possa vos compartilhar um certo presente espiritual, para vós serdes firmados, [12] que é para vós serdes encorajados mutuamente por meio da vossa fé como também da minha. [13] Não quero **deixar desconhecido** a vós, irmãos, como muitas vezes tive o propósito em ir até vós, a fim de que também pudesse obter algum fruto, do meio de vós, como também em outras **etnias**, mas fui impedido, até mesmo daqui. [14] Sou devedor a **helenos** como também a **bárbaros**, a sábios e também a **não-pensadores**, [15] de uma maneira, em mim mesmo, pronto a levar o evangelho para vós, os de Roma.

[16] Pois não me envergonho (**em ser devedor a esses**) do evangelho, pois é a **capacidade** de Deus para salvação, de todo aquele que **exerce** a fé, tanto ao judeu primeiramente como ao **heleno**, [17] pois nele (no evangelho) a justiça de Deus é revelada, a partir da fé para a fé, do modo como está escrito (em Habacuque 2:4): “o justo viverá a partir da fé”. [18] Pois a **indignação** de Deus é revelada do céu, sobre toda impiedade e injustiça dos homens, dos que tomam para si a verdade em injustiça, [19] porque **um conhecimento mais familiar** de Deus é claro a eles, pois Deus lhes tornou claro, [20] pois seus atributos invisíveis, junto ao **fundamento da ordem, das coisas formadas**, do qual tanto sua **faculdade eterna** (de poder fazer) como sua **habilidade divina** (de saber fazer), sendo (logo) **inteligidos**, são (assim) claramente vistos, para que fiquem indesculpáveis, [21] porque **tendo mais familiaridade de Deus**, não glorificaram nem agradeceram como Deus, porém se anularam em seus discursos, o coração tolo deles se escureceu, [22] professando serem sábios fizeram-se de tolos, [23] e trocaram a glória de Deus imortal em semelhança da imagem de mortal, de homem, de voadores, de quadrúpedes e de rastejadores.

[24] Portanto Deus os **concedeu de vez a (cuidados de)** desejos, de seus corações, para, de sua impureza, desonrar seus próprios corpos – [25] esses que trocaram **fundamentalmente** a verdade de Deus em um **fingimento**, e adoraram e serviram **ao fundamento em vez de quem fundamentou**, o qual é bendito pelas eras **de fato**. [26] Por causa disso, Deus os **concedeu de vez a (cuidados de) paixões de desonra**, pois inclusive suas mulheres trocaram **fundamentalmente a intimidade** natural em algo contra o natural, [27] como também, de modo semelhante, os do sexo masculino, que deixaram a **intimidade** natural com as do **sexo feminino**, passaram a **ter atração** uns pelos outros, os de **sexo masculino** com os de **sexo masculino**, tomando em si mesmos uma **transformidade, que se esforçam em manter**, como uma **compensação** que **era necessária** do **caminho errante** deles. [28] E (também) como não **fizeram um (auto)exame, ao ter um conhecimento mais familiar** de Deus, Deus os **concedeu de vez a (cuidados de)** uma mentalidade sem **(auto)exame**, a praticar coisas que não seriam **apropriadas**, [29] que (os) **enchem** de toda injustiça, astúcia, cobiça, maldade. Cheios de inveja, de homicídio, de contenda, **encobriam** maldades, calúnias, [30] difamações, ódios a



Deus, insolências, arrogâncias, **fanfarras**, invenções de males, desobediências aos pais, **ausências de síntese**, [31] **discordâncias**, **ausências de intimidade natural**, impiedades. [32] Esses **tendo conhecido mais familiarmente** da **sentença** de Deus, de que os praticantes de tais coisas são mercedores da morte, não só fazem, porém, de outro modo, também **dão o consentimento** aos que praticam tais coisas.

Comentários de Romanos 1:1-2

“ESCRAVO” (DOULOS)

O substantivo *doulos* (δοῦλος), em versões mais antigas, era traduzido por “escravo”, mas muitos tradutores passaram a optar por “servo”. Hart⁸, ao contrário, volta a adotar o primeiro. A razão da adoção por “servo” é evitar alguma conotação negativa de injustiça, como uma espécie de submissão violenta e forçada, como coloca Hendriksen⁹, o qual também reforça a tradução por “servo”, com base em algumas passagens do Antigo Testamento, nos quais se emprega “servo de Jeová”. Entretanto, no hebraico, a palavra *ebed*, traduzida para “servo”, nesses casos, também aceita “escravo”¹⁰.

Ao usar *doulos*, Paulo faz uso do seu sentido de instrumento, não de “explorado” (injustamente), por isso “escravo” estar entre aspas e o complemento estar presente na tradução. Quase 300 a.C., em um tratado ético, havia esse entendimento: “o escravo [*doulos*] é uma ferramenta viva tal como uma ferramenta é um escravo [*doulos*] sem vida. (...) Portanto, não pode haver amizade com um escravo [*doulos*] enquanto escravo [*doulos*], embora possa haver com ele enquanto ser humano”¹¹. Nesse sentido, em circunstâncias quando o aspecto instrumental é o mais relevante, senhor e escravo “nada possuem em comum”¹². Por outro lado, quando esse aspecto não é o mais relevante (“enquanto humano”), pode-se falar em amizade, inclusive em outros tipos de relações: “a amizade entre pai e filho e, geralmente, entre pessoa mais velha e pessoa mais jovem, aquela entre marido e mulher e aquela entre a pessoa que manda e a que obedece”¹³. Inclusive, no versículo 7, as expressões “amados de Deus” e “Deus nosso pai” reforçam uma relação de amor, como de pai e filho, já que “os pais amam seus filhos como partes de si mesmos, ao passo que os filhos amam seus pais como a fonte de sua existência”¹⁴.

CRISTO JESUS (IESOU KRISTOU)

Há uma oscilação, nas traduções, quanto ao nome composto *Iesou Kristou* (Ἰησοῦ Χριστοῦ), entre “Jesus Cristo” e “Cristo Jesus”. As duas palavras, ambos substantivos, aparecem invertidas como *Kristou Iesou*, em Efésios 3:1,11 e em Gálatas 5:24. *Kristou* é um substantivo próprio, derivado de um adjetivo, um título para os judeus, mas tomado como um nome

⁸HART, The New Testament: a Translation.

⁹HENDRIKSEN, Comentário do Novo Testamento: Romanos, p. 52.

¹⁰STRONG'S Hebrew: 5650. (ebed) -- slave, servant. Bible Hub. Disponível em: <<http://biblehub.com/hebrew/5650.htm>>. Acesso em: 24 out. 2017.

¹¹ARISTÓTELES, *Ética a Nicômaco*. 3.ed. [s.l.]: Edipro, [s.d.]. 1161b1-8.

¹²Ibid., 1161b1-5.

¹³Ibid., 1158b10-15.

¹⁴Ibid., 1161b17-20.



honorífico, primeiro pelos helenos ou gentios de Antioquia¹⁵. Esse nome, junto com o outro, formam uma abreviação, semelhante a construções como “Grande Alexandre”, traduzido de *he Aleksandros ho Megas* (ἡ Ἀλέξανδρος ὁ Μέγας) ou de *he Megas Aleksandros* (ἡ Μέγας Ἀλέξανδρος). Mas, pelo menos, para Paulo, essa composição é bem significativa, porque faz um equilíbrio entre a figura do Messias, idealizado em sua educação judaica, com o Jesus histórico crucificado, que se revelou a ele em Damasco¹⁶. Essa idealização pode ser um sinônimo da expressão “segundo a carne”, quanto ao “conhecimento de Cristo”, em 2 Coríntios 5,16, que seria *um conhecimento tradicional incompleto* do Messias, porque ainda não estava equilibrada com a figura do Filho do Homem ou do Servo do Senhor de Isaías, que passaria antes por uma santificação sofrida, antes do domínio ou poder completo do reino de Deus (por isso, Jesus evitava tal título por um certo tempo)¹⁷. Assim, dizer “Cristo Jesus” é dizer “Cristo que é o Jesus crucificado” – certamente, falar em “Messias crucificado” era uma blasfêmia descarada aos que carregavam a imagem do Messias ideal e do reino efetivamente completo em sua primeira vinda.

APÓSTOLO VOCACIONADO (KLETOS APOSTOLOS)

A palavra *kletos* (κλητός) é um adjetivo, comumente traduzido para “chamado”, que qualifica o substantivo *apostolos* (ἀπόστολος), traduzido por “apóstolo”. Literalmente seria “apóstolo chamado”. Porém, como isso poderia soar estranho, geralmente é encontrado como “chamado para apóstolo”, “escolhido para ser apóstolo”, “chamado para ser apóstolo” ou “chamado apóstolo”. Inclusive, essa última é a escolha de Hart¹⁸, do inglês “*called an Apostle*”. Hendriksen¹⁹ critica traduções como “chamado para ser apóstolo” por não terem a ideia de eficácia na vocação e adota “um apóstolo chamado”, mas apenas se justificando na doutrina da vocação eficaz ou da graça irresistível do Calvinismo.

Quando dizemos que alguém é “escolhido a dedo” estamos *basicamente* dizendo que é competente no que faz (logo, também no que diz, em relação ao que faz), antes de falar em escolha ou seleção, o qual se torna, assim, um fato secundário ou consequente. Isso não quer dizer que alguém “chamado” (*kletos*) por Deus é alguém escolhido por causa de seus méritos. O foco aqui é que alguém “vocado” (*kletos*) é alguém competente (em fazer algo). É nesse contexto em que falar também da razão da competência ou da escolha surge naturalmente. É assim o uso em Homero, na *Ilíada*²⁰: “Mas agora incitemos homens escolhidos [κλητούς], que rapidamente cheguem à tenda de Aquiles”, isto é, “homens vocacionados” (porque capazes) em rapidamente chegar à tenda. Semelhantemente, na *Odisseia*²¹, os “chamados” [κλητοί] se referem a “profissionais”. No caso de Paulo, o fato de ter se dedicado para o evangelho seria a razão (da competência) de seu apostolado. Por isso, o conselho prático de 1 Co 7,20, que literalmente seria “Cada, na vocação [klesei] a qual foi chamada [ἐκλήθη], fique nessa”, pode ser “Cada um se mantenha na competência [klesei] para a qual foi chamado” (para que o todo

¹⁵BRUCE, Frederick Fyvie. *Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia*, São Paulo: Shedd Publicações, 2003. p. 125.

¹⁶Ibid., p. 95.

¹⁷Ibid., p. 52.94.

¹⁸HART, The New Testament: A Translation.

¹⁹HENDRIKSEN, Comentário do Novo Testamento: Romanos, p. 55.

²⁰HOMERO. *Ilíada*. Trad. Lourenço, Frederico. [s.l.]: Companhia das Letras, [s.d.]. p. 165.

²¹HOMERO. *Odisseia*. Trad. Christian Werner. [s.l.]: Cosac Naify, 2014. p. 17.383-5.



seja um coeso mais forte). Nesse versículo, o substantivo *klesei* (κλήσει) é o dativo de *klesis*, que pode ser traduzido por “vocação”, “posição” ou “status na vida”²². Nesse sentido, justifica-se o complemento “já que” na tradução, para que tal razão fique explícita. Além disso, o sufixo adjetival ‘-tos’ (τὸς) indica uma noção ou atributo passivo (ter competência), diferente de ‘-teos’ (τέος) que indica obrigação ou dever²³ (buscar ter competência ou ser competente), o qual justificaria locuções como “para ser chamado” ou “chamado para ser”, que seria o caso de *kleteos* (κλητέος), adjetivo derivado do verbo chamar (καλέω), cujo aoristo forma exatamente o verbo “foi chamada” (ἐκλήθη). Desse modo, o uso do verbo chamar (καλέω), nesse contexto, pelo menos, comporta uma ligação com a ideia de competência ou vocação, não necessariamente de eficácia.

TENDO SIDO DELIMITADO (APHORISMENOS)

Em geral, para o particípio perfeito médio-passivo *aphorismenos* (ἀφορισμένος), as traduções optam por “separado” ou “reservado”, o que ressalta o uso da voz passiva e a ideia de separado de outros, durante o evento em Damasco, como colocado por Meyer²⁴. Contudo, pode-se precisar ou enriquecer o que está em questão aqui, de modo a tornar o particípio alinhado com essa voz, com seu estado perfeito, com a ideia original de estar marcado por (certos) limites ou fronteiras, antes da ideia subsequente de separação, e com a vocação ao apostolado. De fato, o apóstolo, por exemplo, abdicou (limitou-se) do casamento ou de casar, conforme nos relata em 1 Coríntios 7, para melhor se dedicar ao apostolado. Essa é uma forte evidência de quem quer mostrar que está pronto (vacionado) – daí o estado perfeito do particípio. Logo, caso se queira uma maior harmonia com as ideias presentes no versículo, especialmente de vocação e instrumento, a ideia de delimitação, na tradução, é mais rica. Inclusive, essa riqueza se harmoniza com o prefixo *ἀφ* do particípio, que tem o sentido “de junto de”. Com esse prefixo, a ação ganha uma força de processo, em vez de ato (próprio do aoristo), que exatamente reaparece (sem o prefixo) mais adiante, no versículo 4, com a tradução “batizado”.

PRENUNCIOU (PROEPENGEILATO)

O verbo *proepengeilato* (προεπηγγείλατο) é do mesmo radical (ἀγγέλλ) do substantivo *euangelion* (εὐαγγέλιον), neutro no acusativo, literalmente traduzido como “boa mensagem”, mas adotado tradicionalmente como “evangelho”, e também aqui. Na verdade, há um contexto de uso envolvendo diversos verbos com essa mesma raiz. Há um verbo para “levar a mensagem para” (ἀγγέλλω), outro para “anunciar a mensagem em” (ἐπί-αγγέλλω), um outro para “anunciar previamente a mensagem em” (προ-ἐπί-αγγέλλω), bem como o indicativo médio-passivo *katangelletai* (κατ-αγγέλλεται), no versículo 8, cuja tradução adequada seria “é anunciada completamente em”, pois seu prefixo tem um sentido de completude²⁵ e o infinitivo aoristo sigmático médio *euangelisasthai* (εὐαγγελίσασθαι), no versículo 15, pode ser traduzido como “levar o evangelho para”. Se esse último fosse apenas *angelisasthai*, poderia ser traduzido para “levar a mensagem para”, por causa da ausência do prefixo *εὐ*. Por esse contexto, em torno da ideia de anúncio, seria estranho adotar uma ideia de promessa, como muitas traduções fazem com “foi prometido antes” ou “prometeu antes”. Aliás, em 2 Co 9,5, há também um particípio

²²GINGRICH, Felix Wilbur, *Léxico do Novo Testamento Greco/Português*, São Paulo: Edições Vida Nova, 1993, p. 117.

²³JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHERS. *Aprendendo Grego*. 2. ed. São Paulo: Odysseus, 2014, p. 760.

²⁴ROMANS 1 Meyer's NT Commentary. Disponível em: <<http://biblehub.com/commentaries/meyer/romans/1.htm>>. Acesso em: 3 dez. 2017.

²⁵JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHERS, *Aprendendo Grego*, p. 761.



(*προεπηγγελμένην*), derivado também de *προεπαγγέλλομαι*, e a própria ACRF opta por “já anunciada antes”, apesar de ter utilizado “antes prometeu” em Romanos. Pode-se pensar que essa ideia de promessa seja resultado da mudança de voz. De fato, a mudança de uma voz para outra pode indicar mudança de sentido e, não, apenas de quem sofre a ação. Exemplo disso são os verbos *peitho* (*πείθω*), na voz ativa, e *peithomai* (*πείθομαι*), na voz passiva, traduzidos, respectivamente, em “acredito, obedeço” e “estou sendo persuadido”. Mas a voz média do verbo *proepengeilato* carrega a ideia de precursor, o que reforça o fato de que os profetas já anunciavam *de certo modo* o evangelho no Antigo Testamento. Isso fica mais claro quando o apóstolo faz referência ao profeta Habacuque no versículo 17. O ponto, afinal, não é ver o evangelho como um conteúdo apenas do Novo Testamento, fruto da interpretação do Velho Testamento, numa pirâmide hermenêutica²⁶, mas também ver sua *versão embrionária* na boca dos profetas.

COMENTÁRIOS DE ROMANOS 1:3-7

NASCEU (GENOMENOU) SEGUNDO A “CARNE” (KATA SARKA)

Alguns tradutores até omitem a tradução “que nasceu” do particípio aoristo *genomenou* (*γενομένου*) e, geralmente, para a locução adverbial *kata sarka* (*κατὰ σάρκα*), adotam o literal “segundo a carne”. Para esclarecer a relevância desse nascimento, foi adotado o complemento “(messiânico)” e, para a compatibilidade com esse uso peculiar de “carne”, foi acrescentado o complemento “(da tradição)”, pois essas duas informações estão interligadas, já que o próprio versículo é uma fórmula cristológica, própria de uma reflexão teológica mais apurada de Paulo²⁷, na qual se menciona uma qualificação para ser o Messias: a procedência davídica. Isso estava bem presente na tradição ou nos costumes doutrinários dos judeus. O problema era como isso era enfatizado pela tradição em detrimento de outras possibilidades (sofrer e ser crucificado), conforme comentado antes a partir de 2 Co 5,16.

Outra possibilidade de tradução é pensar “segundo a carne” como uma ênfase à humanidade de Cristo, isto é, traduzir essa expressão como algo similar a “humanamente compatível”, semelhante ao uso que João, por exemplo, faz com a fórmula “veio em carne” (1 João 4,2-3), ou mesmo para equilibrar a ideia de que um ser divino, que não nasce, pode nascer em um sentido materialmente humano, como coloca Meyer²⁸. Isso certamente leva a uma discussão ou tema bem distinto da questão da tradição: a relação entre divindade e humanidade. A ideia de um homem divino, contudo, não era estranha à época do apóstolo, de religiões politeístas, com deuses e semideuses, nem a de um humano tornado divino em sua morte. Não é sem motivo, desse modo, a dedicação de parte da literatura cristã primitiva, após os apóstolos, em diferenciar a divindade de Jesus de outras divindades. É nessa época do início da Idade Média, conhecida como Patrística, que se faz muita defesa da divindade de Jesus, tal como Tertuliano, que analisa a divindade de Cristo, com maior detalhe no capítulo XXI, e, no capítulo XI, a acusação por

²⁶LOPES, Augustos Nicodemus. A Bíblia e seus intérpretes - uma breve história da interpretação. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 36-37.

²⁷VIELHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva: introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos*. Santo André, SP: Academia Cristã, 2005. p. 60.

²⁸ROMANS 1 Meyer's NT Commentary. Disponível em: <<http://biblehub.com/commentaries/meyer/romans/1.htm>>. Acesso em: 3 dez. 2017.



alguns de que Jesus foi tornado divino após a sua morte, semelhante ao que aconteceu a outros homens bem conhecidos²⁹.

Também se evitava a ideia de Jesus como criatura. Contudo, a ideia de criação é uma herança (discussão) da filosofia medieval, pois, na antiguidade grega, para a origem das coisas ou dos seres vivos, era utilizada a ideia de geração, na qual a natureza do gerado era determinada pela natureza do seu gerador ou genitor. O reformador protestante Menno Simons³⁰, por exemplo, defendia que Jesus foi apenas nutrido no ventre de Maria, sem ter recebido dela sua humanidade, porém não deixando de ser “menos humano” por isso. Nesse sentido, Jesus não se tornou humano, porque nasceu de Maria, mas nasceu de Maria porque já era compativelmente humano. De fato, a preposição traduzida para “a partir de”, que pede um genitivo, em “a partir de um descendente de Davi”, aponta para uma ideia de localização ou origem (de um descendente de Davi), não de conformidade (a um tipo de origem). Entretanto, pode-se perguntar se não havia na perspectiva helênica (contexto cultural do apóstolo), a mentalidade da contribuição direta de um corpo na formação de outro corpo, dos pais para os filhos, segundo o princípio clássico “semelhante gera semelhante”. Não seria, desse modo, Maria tal genitora da natureza humana? Seria, se não houvesse o pensamento “científico” da época em embriologia, em que o pai era genitor e a mãe era a fonte nutricional. Essa crença era dominante e persistiu por muito tempo. Em meados do século XVIII, havia a teoria científica do preformismo, em que se acreditava que “o espermatozoide tinha uma miniatura do ser humano”³¹. Menno Simons fortaleceu sua doutrina da encarnação, em meados de 1544, com a teoria fisiológica corrente da época. Segundo essa teoria, “igualmente partilhada por médicos e filósofos”, “a mulher era um elemento completamente passivo na geração da descendência”, isto é, “a semente masculina era a origem na natureza do recém-nascido, que era apenas nutrido e dado à luz pela mãe”³². Por outro lado, Jesus não seria humano, pois não tinha um pai humano genitor. Por isso, a importância da intervenção angelical a Maria e José.

São duas possibilidades plausíveis. No entanto, foi adotada a primeira, porque o ajuste da tradição ao evangelho do “Cristo crucificado” se alinha melhor ao contexto de Romanos. É preciso falar um pouco mais sobre esse contexto, especialmente para os próximos comentários. Além dos grupos de cristãos em Roma, havia as grandes igrejas de Jerusalém, de origem hebraica, lideradas pelos apóstolos Pedro e Tiago, com as quais Paulo tinha uma relação delicada, e de Antioquia, de origem helênica, com a qual, no entanto, Paulo era um dos líderes³³. Mas Roma, ainda não organizada como as outras, apresentava cristãos ainda não evangelizados por aqueles que não tinham experimentado o marcante evento pentecostal do início da igreja em Jerusalém³⁴. Assim era o caso de Apolo, um judeu evangelista, fruto do cristianismo de Alexandria no Egito³⁵. Esse fato explica o interesse de Paulo em melhor conhecer os romanos para se edificarem mutuamente. Por outro lado, também explica uma certa deficiência na fé

²⁹TERTULIANO. *Tertuliano: Apologia*. Disponível em: <<http://www.tertullian.org/brazilian/apologia.html>>, acesso em: 25 out. 2017.

³⁰GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1993. p. 281.

³¹MONTANARI, Tatiana. *Histórico, Embriologia: texto, atlas e roteiro de aulas práticas*. disponível em: <<http://www.ufrgs.br/livrodeembrio/ppts/1.Histórico.pdf>>, acesso em: 25 out. 2017.

³²GEORGE, Teologia dos Reformadores, p. 281.

³³BRUCE, Paulo, p. 143, 349.

³⁴Ibid., p. 248.

³⁵Ibid., p. 247.



deles, a ser complementada pelo evangelho exposto por Paulo. Apolo, novamente, só conhecia o batismo de João³⁶. Além disso, Roma era estratégico para a Espanha e havia a questão do fundo de ajuda a Jerusalém³⁷.

“BATIZADO” (HORISTHENTOS)

O particípio aoristo passivo *horisthentos* (ὀρισθέντος) geralmente é traduzido para “declarado”. No entanto, é possível, pelo próprio contexto do versículo, utilizar a imagem do batismo. Primeiro, por causa da “imersão” numa vida (espírito) de santidade, não necessariamente no “Espírito de santidade”. A escolha, na tradução, por um modo de vida santo reforça a imagem do Servo Sofredor ou do Filho do Homem. Segundo, por causa da “emersão” ao retornar dos mortos. Inclusive, Bruce³⁸ se refere a esse versículo como “batismo” de sua paixão”. Como o particípio *horisthentos* comporta “denominado”, “designado”, “definido”, “limitado” ou “determinado” em ato, é plausível usar “batizado”. Ora, uma vez que a qualificação “em poder” pode ser usada como “tendo o domínio de”, em relação ao Reino de Deus³⁹, a imagem do batismo ganha maior sentido se atribuída a “filho de Deus” e, não, ao verbo *horisthentos*, como na versão alemã, em que a expressão “em poder” (*kräftiglich*) é atribuída à ação “provado” ou “demonstrado” (*erweiset*). Com esse batismo, Jesus oficializa ou torna público seu domínio ou poder (por isso, a adição do complemento “sob o reino”) e, não, apenas por voltar dos mortos.

A preposição grega *ex*, traduzida para “ao”, com sentido de “a partir de” ou “desde”, é rejeitada por Meyer⁴⁰, mas ainda é considerada correta para Hendriksen⁴¹. No entanto, ambos preferem a tradução “por causa de”, isto é, preferem um uso com sentido causal e não temporal. O último toma como exemplo Apocalipse 16,10 (“remordiam suas línguas por causa da dor”). No entanto, nessa passagem de Apocalipse, uma causa anterior é relatada nos versículos anteriores (“as sete taças da ira de Deus”), tornando o fato da dor uma causa subsequente. O primeiro simplesmente se justifica em alegar que a ressurreição foi o grande ato divino, tomando como referência a “glória do Pai” em Romanos 6,4. Na verdade, essa passagem reforça mais ainda os dois momentos da imagem do batismo: um momento anterior com a imersão, representado pela “morte do pecado” ou santificação, e um momento posterior, o de emersão, representado com o voltar dos mortos, assim como aconteceu com Jesus.

DO NOSSO SENHOR (TOU KURIOU HEMON)

O pronome possessivo genitivo *hemon* (ἡμῶν), traduzido para “do nosso”, também poderia ser entendido com uma ideia implícita de ênfase, o qual caberia uma tradução como “pelo menos da nossa parte”, referente ao genitivo apositivo *tou kuriou* (τοῦ κυρίου), traduzido por “do senhor”. Esse genitivo é um aposto a “Cristo Jesus”. Aliás, há um fundo histórico importante aqui, em torno desse pronome enfatizando o “senhor”, por causa do problema dos cristãos romanos em relação ao tratamento feito ao Imperador. Tertuliano, em seu capítulo XXXIV, explica as razões da acusação contra os cristãos, como traidores do Imperador, por não o adorarem, nem o chamarem de “Senhor”, no sentido divino, mas comum de tratamento, porém

³⁶Ibid., p. 281.

³⁷Ibid., p. 307, 311.

³⁸Ibid., p. 93.

³⁹Ibid., p. 113.

⁴⁰ROMANS 1 Meyer's NT Commentary. Disponível em: <<http://biblehub.com/commentaries/meyer/romans/1.htm>>. Acesso em: 3 dez. 2017.

⁴¹HENDRIKSEN, Comentário do Novo Testamento: Romanos, p. 57.



procura inverter a situação dos cristãos, como mais próximos ao Imperador do que os próprios romanos⁴². Essa ênfase quanto ao pronome de tratamento também poderia estar presente implicitamente em Judas 1,4, que acrescenta “único soberano”, além de “senhor”, utilizando o mesmo pronome: “o único soberano e senhor, da nossa parte pelo menos, (a saber) Cristo Jesus” ou “nosso único soberano e senhor, (a saber) Cristo Jesus” – tradução de *τὸν μόνον δεσπότην καὶ κύριον ἡμῶν Ἰησοῦν Χριστὸν*.

CONFORME O (VIVER EM) ESPÍRITO DE SANTIDADE (KATA PNEUMA HAGIOSUNES)
Em geral, para *kata pneuma hagiosunes* (*κατὰ πνεῦμα ἁγιωσύνης*), muitas traduções, nessa passagem, focam a pessoa do Espírito Santo. Hendriksen⁴³ entende que “espírito” se trata do Espírito Santo, tomando como justificativa duas passagens: Isaias 63,10 e Salmos 51,11. Mas essas passagens também podem referenciar a ação espiritual de Deus. Além disso, não estão formuladas na mesma estrutural gramatical de Romanos, com a preposição *kata*, seguida de *pneuma*. Aliás, era comum utilizar “espírito” para indicar um modo ou aspecto da vida, quando se dizia, por exemplo, que alguém tinha o “espírito forte” ou “espírito de força”, não necessariamente por haver uma pessoa responsável por uma ação invisível, de caráter espiritual. Por outro lado, na antiguidade grega, havia a crença de que algumas pessoas possuíam certas virtudes ou vícios, em função da influência de algum daimone – a palavra grega *eudaimon* (*εὐδαιμον*), comumente traduzida para “bem feliz” ou “feliz”, tem também um sentido de “tomado por um bom *daimon*”. No entanto, mesmo nesse contexto, não se deixava de usar “espírito” também como um traço de personalidade ou modo de vivência. Nesse sentido, em função da imagem do “batismo”, anteriormente comentado, foi adotada a ideia de “espírito” como um modo de vida. Além disso, o substantivo *pneuma*, traduzido como “espírito”, não começa com maiúsculo (no texto crítico), da mesma forma como acontece, nessa mesma passagem, com as palavras traduzidas para “Deus” e “Jesus”.

NUM ATO PASSADO RECEBEMOS (ELABOMEN)... RENOME (ONOMATOS)

Como não é possível diferenciar o tempo, se presente ou passado, pela conjugação “recebemos”, respectiva à tradução do verbo aoristo *elabomen* (*ἐλάβομεν*), foi adicionado, então, o complemento “num ato passado”, já que o aoristo normalmente se encaixa melhor no pretérito perfeito e como um ato e, não, processo, isto é, um ato passado. Por causa dos feitos ligados a esse ato, foi adotada a tradução “renome” em vez de “nome” para o substantivo *onomatos* (*ὀνόματος*), que também pode estar ligado a uma ideia de fama ou repercussão.

ETNIAS (ETHNE)

Quanto à escolha por “etnia”, em vez de “nações”, para *ethne* (*ἔθνη*), basicamente se segue o entendimento de Badiou, segundo o qual, quando Paulo foi designado “apóstolo da *ethne*”, na conferência de Jerusalém, pensava sua pregação como voltada “a um múltiplo, absolutamente amplo, de pessoas e costumes, de fato, a todos os subgrupos humanos do império”⁴⁴ (tradução minha).

⁴²TERTULIANO, Tertuliano: Apologia.

⁴³HENDRIKSEN, Comentário do Novo Testamento: Romanos, p. 57.

⁴⁴BADIOU, Alain. *Saint Paul: The Foundation of Universalism*, [s.l.]: Stanford University Press, 2003. p. 40.



COMENTÁRIOS DE ROMANOS 1:8-15

EM TODAS AS PARTES DA ORDEM (EN HOLO TO KOSMO)

Geralmente, para *en holo to kosmo* (ἐν ὅλῳ τῷ κόσμῳ), as traduções apresentam “em todo mundo”. Há duas questões aqui. Uma primeira questão, que já pode causar uma certa estranheza, é a de que a fé dos cristãos romanos era conhecida, de tal modo, “em todo mundo”, que se poderia considerar encerrada a missão de evangelizar outros povos. Por isso, muitos, incluindo Hendriksen⁴⁵, entendem ser um “mundo figurado”. Já Hart adota “cosmos”⁴⁶. Outra questão, implícita na anterior, é a de pensar “mundo” ou *cosmos* (κόσμος) como imensidão ou totalidade, porém outra palavra comumente usada para totalidade é *pan* (πᾶν).

A ideia para a qual a palavra “cosmos” faz alusão, na passagem em questão, é a de *organização*. Essa palavra era articulada com um sentido político, nas origens do pensamento grego. Veja, por exemplo, a descrição de cidade como “um conjunto organizado, um cosmos, que se torna harmonioso se cada um de seus componentes está em seu lugar e possui a porção de poder que lhe cabe em função de sua virtude”⁴⁷. Também tal ideia estava presente em teogonias antigas, para explicar a organização ou ordem da natureza, por meio da soberania das divindades. Por isso, nesse contexto, o homem se dizia ser um microcosmo (*anthropos micros cosmos*), isto é, um todo de partes funcionalmente organizadas ou em uma certa ordem. Desse modo, pode-se dizer “ordem” como aplicado a um conjunto organizado de pessoas ou de coisas. Aliás, cosmologia é basicamente um estudo para entender as razões que “comandam” as mudanças no universo.

SIRVO OFERECENDO (LATREUO) O MEU ESPÍRITO (PARA VIVER) (EM TO PNEUMATI MOU)

As traduções em geral colocam “sirvo em meu espírito” para *latreuo en to pneumatí mou* (λατρεύω ἐν τῷ πνεύματί μου), como se estivesse falando em devoção sincera do coração⁴⁸. No entanto, o verbo no presente do indicativo *latreuo*, traduzido para “sirvo”, tem o sentido de trabalhar, oferecendo algo (para obter algo), assim como na antiguidade se servia aos deuses, oferecendo sacrifícios e orações. Nesse caso, Paulo serve a Deus oferecendo o seu viver, como instrumento vivo no apostolado.

SEREI BEM CONDUZIDO (EUODOTHESOMAI)

O verbo *euodthesomai* (εὐδοθησομαι) é formado do prefixo *εὐ* (“bem”) e do verbo *οδόω*, o qual significa “conduzir pelo caminho certo” (“certo” no sentido de chegar ao fim desejado). Assim, com o prefixo, conjugado no futuro passivo, o verbo seria traduzido em “serei bem conduzido” (chegando ao fim desejado, por causa da “vontade de Deus”).

ANSEIO POR (EPIPOTHO)

A tradução “desejar” para *epipotheo* (ἐπιποθέω) acaba minimizando a sua força, uma vez que conjugado no presente indicativo ativo, *epipotho* (ἐπιποθῶ), reflete um forte desejo pela presença de algo.

⁴⁵HENDRIKSEN, Comentário do Novo Testamento: Romanos, p. 68.

⁴⁶HART, The New Testament: a Translation.

⁴⁷VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. Rio de Janeiro: Difel, 2002. p. 98.

⁴⁸HENDRIKSEN, Comentário do Novo Testamento: Romanos, p. 69.



DEIXAR DESCONHECIDO (*AGNOEIN*)

Para o infinitivo *agnoein* (*ἀγνοεῖν*) foi adotada uma tradução que não imputa alguma postura ou atitude aos “irmãos”, referenciado pelo pronome pessoal *humas* (*ὁμᾶς*) *no acusativo*, mas preserva a atitude do próprio apóstolo, pelo verbo *thelo* (*θέλω*), que literalmente pode ser tomado como “tenho a finalidade de”, e é traduzido aqui por “quero”. Perceba a diferença (sutil) com dizer “não quero que ignoreis”, “não quero que sejam ignorantes” e “quero que sejam conscientes”, que são comuns em outras traduções. Essas expressões imputam *no outro* uma atitude esperada: de não ignorar algo ou tomar consciência de algo.

A HELENOS E A BÁRBAROS (HELLESIN TE KAI BARBAROIS)

A ideia de civilização pressupõe a de ordem, antes comentada. Por exemplo, quando se diz “civilização ocidental”, excluem-se normalmente povos nativos, por serem considerados “primitivos”, no sentido de *desorganizados* ou de uma *organização* mais simples. Nesse sentido, “bárbaros” são os não-helenos, inferiores e além da organização romana. Também se utiliza o termo “heleno” como sinônimo a “grego” para se referir genericamente a helenos, incluindo judeus (helenistas).

A SÁBIOS E TAMBÉM NÃO-PENSADORES (SOPHOIS TE KAI ANOETOIS)

A escolha por “não-pensadores”, em vez de “tolos” ou “simples”, para *anoetois* (*ἀνοήτοις*), reflete melhor o tipo de oposição em questão, relacionado a conhecimento e, não, necessariamente a virtudes. Similarmente *King James* e *Luther* adotam “não-sábios”, para “*unwise*” e “*Unweisen*” respectivamente.

DE UMA MANEIRA (HOUTO)

No versículo 15, adota-se *houto* (*οὕτω*) como advérbio (“de uma maneira”) em vez de conjunção (“e”), porque enriquece o estado em que se coloca o apóstolo, de débito diante das várias etnias, de estar pronto a levar o evangelho a qualquer momento. Desse modo, o apóstolo não está meramente “em débito”, mas “de tal modo em débito que...”.

COMENTÁRIOS DE ROMANOS 1:16-17

NÃO ME ENVERGONHO (EM SER DEVEDOR A ESSES) DO EVANGELHO

O complemento “em ser devedor a esses” (helenos, bárbaros, sábios e não-pensadores) realça em que sentido é aplicado o verbo *epaiskhunomai* (*ἐπαισχύνομαι*), traduzido por “me envergonho”, o qual faz conexão direta com os versículos anteriores e com o fato de Paulo ser o “apóstolo das etnias”, isto é, de uma ampla variedade de etnias, principalmente daquelas com culturas moralmente malvistas pelos judeus – daí o tom de não ter vergonha em levar o evangelho a culturas “tão baixas”. Alternativamente a essa interpretação, é utilizada a ideia de considerar a salvação algo melhor do que a sabedoria dos mais cultos ou do poder dos mais poderosos, quando dizem que não se envergonham do evangelho, como coloca Hendriksen⁴⁹.

⁴⁹Ibid., p. 79.



Esse, porém, não é o caso aqui, pois, pelo contexto do versículo, é antes uma resposta a uma “forma teimosa de judaísmo”⁵⁰ em Roma, que não acredita em tal alcance do evangelho.

CAPACIDADE (DYNAMIS)

Para o substantivo neutro *dynamis* (δύναμις), foi adotado “capacidade”, em vez de “força” ou “poder”, para realçar o sentido mais simples, no uso comum da palavra: em posse de um meio para alcançar um fim. Na passagem em questão, o evangelho é esse meio pelo qual o justo pode ser salvo por Deus com o exercício da fé.

HABACUQUE: “O JUSTO VIVERÁ A PARTIR DA FÉ”

O profeta literário pré-exílico⁵¹ Habacuque era contemporâneo mais jovem do profeta Jeremias, entre os séculos 8 a 7 a.C., sob o reinado do perverso rei Jeoaquim, das tribos do Sul, de Judá, cujos reis eram todos da descendência de Davi. Entre os judaítas (a nação de Judá), havia uma situação geral de grande calamidade ética, afetando tanto o sistema social como o jurídico da sociedade teocrática judia (1,2-3). Inclusive, nesse trecho, o termo normalmente traduzido por “violência” é “tão forte que foi usado para referir-se à maldade do homem que levou Deus a trazer o dilúvio”⁵². Nesse sentido, o profeta expressou sua crise ou queixa em relação a lei de Deus: “Por isso a lei torna-se inoperante e nunca há justiça (nos tribunais). O ímpio cerca o justo (ou o inocente), e por isso a justiça acaba pervertida” (1,4)⁵³. Nessa queixa, o profeta expressa uma falência geral da lei de Deus, não apenas no aspecto jurídico de não acontecer a sentença esperada no tribunal, mas também no aspecto social do ímpio sair impune contra o inocente. A resposta de Deus ao profeta, contudo, foi a de que o povo de Judá seria invadido pelos “pavorosos e terríveis” neobabilônios, os caldeus (1,5-11) – as tribos do Norte, de Israel, já haviam sido levadas antes para o cativeiro da Babilônia em 722 a.C. pelos assírios. Nessa resposta, em que Deus usaria outro povo, mais digno de punição, “para executar juízo” (1,12) e “servir de disciplina” (1,12), era de fato inacreditável (“vós não creereis, quando for contada”). Diante disso, o profeta levanta nova queixa (1,13-2:1), como que relembrando a Deus sobre sua proteção desde a “eternidade” (a rigor, o termo é “antiguidade”⁵⁴) (1,12) e de sua santidade, que não tolera o mal (1,13). A resposta de Deus (2,2-20), então, não é claramente histórica como a primeira, informando por qual razão, pessoa, maneira, momento e duração a justiça será bem aplicada, porém responde com uma visão de seu cumprimento (2,2-3), um modelo de oposição entre ímpio e justo (2,4-5) e cinco ais proféticos contra o ímpio (2,6-19). Essa visão se coloca como uma força contrária à sensação de demora por parte dos que aguardam o cumprimento da justiça, informando que “está para cumprir-se no tempo determinado, mas se apressa para o fim e não falhará”. De fato, após os caldeus, veio o domínio dos persas (538-330 a.C.), o domínio helenístico (330-166 a.C.), do hasmoneu (166-63 a.C.), romano (63 a.C. ao século 4 d.C.) e variados conflitos ao longo da história até os dias atuais, no Cristianismo.

Todo o quadro de Habacuque oferece o contexto no qual é possível extrair o sentido da “fé”, ou melhor, da expressão “obediência de fé”. Isso, inclusive, é uma das grandes lições da Filosofia da Linguagem, especialmente a partir do segundo Wittgenstein, de que o significado de uma palavra

⁵⁰BRUCE, Paulo, p. 318.

⁵¹SAYÃO, Luiz. *O problema do mal no Antigo Testamento: o caso de Habacuque*. São Paulo: Hagnos, 2012. p. 85.

⁵²Ibid., p. 106.

⁵³Ibid., p. 110.

⁵⁴Ibid., p. 119.



é o uso da mesma pelo contexto de um jogo de linguagem⁵⁵. Assim, é possível perceber, em primeira instância, a fé sendo colocada como uma alternativa (algo mais seguro a se agarrar), ao colapso de uma sociedade teocrática, por conseguinte de um sistema teocrático de justiça. Essa colocação da fé responde de um modo alternativo, particular, prioritário e atualizado, enfim, um modo *equitativo* de fazer justiça, com base na *obediência* a um modelo de justo, contraposto a um modelo de ímpio. Desse modo, em última instância, a fé em obedecer ou a “obediência de fé” a um paradigma ético, ou melhor, habitual, para além, não necessariamente se contrapondo, a um paradigma legal, é estabelecido como a postura ou atitude esperada do “justo que viverá a partir da fé”. Apesar de não haver uma consciência linguística ou um vocabulário ético desenvolvido, a primazia de uma prática voltada à preocupação de um caráter habitual (ético), particularmente salvadora, é revelada por esse profeta.

A ética aristotélica, semelhante ao modelo do justo judaico, apresenta a primazia do modelo do prudente, para toda a prática política (social), incluindo as decisões judiciais, legislativas e deliberativas. Dentro desse modelo, está a virtude de equidade (*ἐπιεικέες*). Essa virtude é especialmente importante no contexto dos julgamentos (públicos e particulares), conforme se apresenta em sua *Retórica*⁵⁶. Nesse tratado, uma das consequências da aplicação dessa virtude é ter um olhar preferencial à intenção do legislador e, não, à palavra, em certas circunstâncias. Aliás, pode-se dizer que a equidade é uma parte da boa nova de um “judiciário” para salvar os cativos de um “legislativo” caducado, pois as leis em geral estão destinadas a sempre se renovar, diante da dinâmica social. A outra parte da boa nova é o conteúdo aplicado em pontos (sempre) desatualizados das leis por quem tem a devida equidade.

A equidade não é uma virtude explícita, mas implícita no vocabulário paulino, pois é exatamente aquele modo equitativo de fazer justiça, com a qual se deve confiar (ter fé) como parte (ética) de seu próprio caráter. Vivendo com essa virtude, Paulo se adapta melhor a propagar o evangelho a variadas etnias e a resolver questões de convivência entre a lei e a fé, entre outros pontos. Inclusive dos fariseus, Paulo herdou a aplicação da lei escrita nos termos da lei oral, ao contrário dos saduceus, os quais não aceitavam qualquer modificação. Esse fato aponta para um uso anterior já vivo dessa virtude, ainda que abafado pela maldade generalizada. Nesse sentido, entende-se o quanto a boa nova do evangelho é boa, diante de certas injustiças de sociedades e de seus sistemas. Esse era o evangelho de João Batista e de Apolo antes do “Cristo crucificado”.

A locução adverbial “a partir da fé para a fé” pode ser compreendida como um aposto da interligação de duas crenças práticas fundamentais. A primeira é de que a justiça de Deus é revelada ou tornada conhecida conforme o que está no evangelho. A aceitação dessa revelação evangelística é pela fé. A segunda crença é a de que a aplicação ou o exercício da justiça de Deus deve ser conforme o modelo habitual ou caráter do justo.

COMENTÁRIOS DE ROMANOS 1:18-23

⁵⁵PENCO, Carlo. *Introdução à Filosofia da Linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 135.

⁵⁶ARISTÓTELES. *Retórica*. 2.ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005, 1374b.



INDIGNAÇÃO (ORGE)

A tradução padrão para *orge* (ὀργή) é “ira”. No entanto, quando se diz “ira de Deus”, há um estigma cultural, semelhante à da tradução de “escravo” e “servo”, porque geralmente está associado a uma reação ou sentimento excessivo ou descontrolado. No tratado ético de Aristóteles, contudo, alguém com “ira” (*orge*) era (eticamente) louvado, quando a manifestava “em função das razões certas, contra as pessoas certas, também da maneira certa, no momento certo e pela duração certa”⁵⁷. Inclusive, nessa situação, uma pessoa era chamada de “brando”, já que a brandura era a observância de sua moderação, nem sua falta (não irascibilidade) nem seu excesso (irascibilidade). A falta era “objeto de censura, uma vez que aqueles que não ficam irados com coisas ante as quais é certo tomar-se de ira são tidos como tolos”⁵⁸, e o excesso também, “pois alguém pode ficar irado com as pessoas erradas, em função das coisas erradas, ou mais violentamente, ou mais rapidamente, ou durante mais tempo do que o certo”⁵⁹. Nesse sentido, há os insensíveis, que toleram o insulto aos amigos, os coléricos, que mergulham numa cólera com qualquer coisa, os rabugentos, que realimentam a “ira” (*orge*) e não deixam a dor do ressentimento ser substituída pelo prazer da obtenção da retificação, entre outros⁶⁰. Desse modo, compreendem-se melhor os conselhos de Efésios 4,26 (“*irai-vos e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira*”) e de Tiago 1,19 (“*seja tardio para se irar*”). O primeiro é um conselho contra o tipo (de excesso) rabugento. O segundo é contra o tipo (de excesso) colérico. Interessante observar o versículo seguinte desse segundo conselho: “porque a ira [*orge*] do homem em geral [*andros*] não opera a justiça de Deus” (Tg 1,20). Acrescentar “em geral” aqui é importante, porque *andros* é usado para se referir a “homem” de um modo geral, logo o que está implícita é a inferência de que como, em geral, o homem não é moderado, logo, na ira, não consegue, em geral, operar a justiça de Deus. Sem essa inferência, não haveria necessidade do primeiro conselho.

Diante do exposto, adotou-se “indignação”, para evitar o estigma atual e se aproximar mais da ideia de uma disposição em reagir (uma ação interna) contra a injustiça. Inclusive, a tradução comum em Marcos 3,5 para “*οργης*” é também “indignação”.

UM CONHECIMENTO MAIS FAMILIAR (TO GNOSTON)

O adjetivo neutro *gnoston* (γνωστόν), substantivado no versículo 19, é derivado do substantivo *gnosis* (γνώσις), mais conhecido por “gnose”. Essa controversa palavra está envolvida em vários problemas posteriores de ordem doutrinária, que não é o caso aqui. O foco principal, contudo, é explicitar o uso dessa palavra na passagem em questão. Essa palavra também se apresenta em *Atos*, *Lucas* e *João*.

Um ponto inicial a destacar é a inadequada tradução comum para “o que se pode conhecer” ou “o que é conhecido” (escolha de Hart⁶¹), porque remove a aplicação específica do conhecimento em questão, diante de outros tipos já bem presentes no vocabulário grego: *episteme* (ἐπιστήμη), *doxa* (δόξα) e *techne* (τέχνη). As traduções comuns para *episteme*, *doxa* e *techne* são “ciência” (“conhecimento”), “opinião” e “técnica” (“arte”). Uma maneira de diferenciar esses conhecimentos, especialmente *episteme* e *doxa*, é o envolvimento de elementos explanatórios

⁵⁷ANGIONI, Lucas. Aristóteles - Ética a Nicômaco - Livro VI. *Dissertatio*. Pelotas, v. 34, p. 285-300, 2011.

⁵⁸Ibid., 1126a 1-8.

⁵⁹Ibid., 1126a 8-15.

⁶⁰Ibid., 1126a 5-25.

⁶¹HART, The New Testament: A Translation.



relevantes em suas demonstrações. Nesse caso, o primeiro tem esses elementos, mas o segundo não⁶², o que talvez justifique a facilidade do segundo ser compartilhado, enquanto o primeiro requer um ensino apropriado. Mas *doxa* pode, sim, envolver demonstrações. O sofista, por exemplo, é quem convence um ouvinte a confiar numa *doxa* como se fosse uma *episteme*, utilizando-se de certas formas argumentativas. E a *techne* é um conhecimento prático em saber construir algo, seja uma casa, uma mesa, uma escultura, entre outros. Aliás, a palavra mais apropriada para Jesus em Mateus 13,55 e Marcos 6,3 seria “construtor” do que “carpinteiro”⁶³.

Um caminho importante para entender *gnoston* é o seu sinônimo com *gnorimos* (γνώριμος)⁶⁴, que pode ser traduzido por “bem conhecido”, “conhecido mais fácil”, “claro” ou “familiar”. Na *Retórica*, Aristóteles aplica “bem conhecido” (*gnorimos*) para algo que nem precisa ser enunciado, em um argumento, porque já é implicitamente *comum*, *familiar* ou *bem conhecido* entre os ouvintes, pois, se o fosse explicitar no argumento, só tornaria o entendimento mais cansativo, por envolver mais coisas ditas⁶⁵. Esse é um tipo de conhecimento pelo qual pode se dizer, nesse contexto, “mais tátil”, “prático” ou “experimentado”.

Na passagem em questão, Paulo não olha o conhecimento explanatório, que se pode dizer discursivo, seja na forma epistêmica ou doxástica, pois, diante de um conhecimento mais familiar experimentado, tais “discursos” não são suficientes, mas nulos para justificar ou desculpar as ações dos que são acusados de tomar “para si a verdade em injustiça”. Outra situação de condição insuficiente, diante do conhecimento “gnóstico”, está em Romanos 10,2 (“que têm zelo de Deus, mas não com *epignosin* (ἐπίγνωσιν)”, em que o zelo é ajustado com tal conhecimento. Paulo, por exemplo, experimentou um contato com o Messias crucificado, mesmo tendo um grande zelo pelo Messias ideal.

Seguindo uma linha de entendimento pelo menos mais rica, o verbo aoristo *gnontes* (γνόντες), no versículo 21, é traduzido por “tendo mais familiaridade de”, em vez do genérico “tendo conhecido”, bem como o substantivo *epignosei* (ἐπιγνώσει), no dativo, no versículo 28, é adotado como “conhecimento mais familiar” em vez de “conhecimento”, e o verbo aoristo *epignontes* (ἐπιγνόντες), no versículo 32, é traduzido por “tendo conhecido mais familiarmente”, com o prefixo sendo usado como uma intensificação da ação (a aplicação adverbial de “mais familiar” para “mais familiarmente”).

FUNDAMENTO (KTISEOS)

Em geral, os tradutores preferem “criação”, também escolha de Hart⁶⁶, para o genitivo *ktiseos* (κτίσεως), e “coisas criadas” para o substantivo plural dativo *poiemasin* (ποιήμασιν). Contudo, deve-se ter em mente que a ideia de criação foi desenvolvida posteriormente pelo pensamento latino medieval, não pelo pensamento grego antigo. Por isso, foi adotada a ideia de fundação e de formação. Inclusive, o verbo *ktiseo* (κτίσσω), do qual se deriva o substantivo feminino

⁶²ANGIONI, Lucas. Conhecimento e opinião em Aristóteles (Segundos Analíticos I.33). In: Marcelo Carvalho; Vinicius Figueiredo. (Org.). *Encontro Nacional Anpof 1: Filosofia Antiga e Medieval*. 1ed.São Paulo: ANPOF, 2013, v. 1, p. 329-341.

⁶³LOURENÇO, Bíblia

⁶⁴PABÓN, José Manuel. *Diccionario Manual Griego: Griego Clásico-Español*. [s.l.]: Vox, 1987, p. 122.

⁶⁵ARISTÓTELES, *Retórica*, p. 100, 1357a.

⁶⁶HART, *The New Testament: A Translation*.



singular *ktiseos*, admite traduções como “edificar”, “construir”, “fundar”, “colonizar”, “plantar”, entre outros⁶⁷.

SENDO INTELIGIDOS (VOOUMENA)

O particípio presente médio-passivo *nooumena* (*νοούμενα*), no neutro plural, que não poderia concordar com o plural masculino *poiemasin* (*ποιήμασιν*), traduzido por “as coisas formadas”, está concordando com o neutro plural *aorata* (*ἀόρατα*), traduzido por “os atributos invisíveis”.

CAPACIDADE ETERNA E ATIVIDADE DIVINA (AIDIOS DYNAMIS KAI THEIOTES)

Em vez de traduções como “poder” e “natureza divina”, foram adotadas “faculdade” e “habilidade divina”, respectivamente, para *dynamis* (*δύναμις*) e *theiotes* (*θειότης*), para reforçar a complementariedade de ideias, presentes no uso conjunto dessas expressões. A primeira expressão teria uma ideia similar ao que conhecemos como “faculdade” (de poder fazer ou construir), enquanto a segunda teria a de “habilidade” (de saber fazer ou construir). Por isso, foram adicionados complementos para deixar isso mais claro.

COMENTÁRIOS DE ROMANOS 1:24-32

TRANSFORMIDADE (ASQUEMOSONEN)

A tradução do substantivo *asquemosonen* (*ἀσχημοσύνην*) é inspirada em parte de sua raiz, formada da palavra *squema* (*σχῆμα*), que pode ser traduzida por “esquema”, e pela palavra *eusquemosonen* (*εὐσχημοσύνης*), tomada como uma espécie de oposição, e pode ser traduzida por “beleza”, “bem formado” ou “bem figurado”. Com esse sentido, todo o final do versículo 27 é repensado, de modo a ser um aprofundamento do tipo de situação que estava sendo descrito antes e, não, uma declaração de alguma punição, como geralmente está presente em outras traduções.

CONCEDEU DE VEZ A (CUIDADOS DE) (PAREDOKEN)

O verbo *paredoken* (*παρέδωκεν*) é comumente traduzido para “entregou”. Porém, essa entrega envolve um contexto de concessão. Por isso, utilizam-se, nessa passagem, a locução adverbial “de vez”, que enfatiza o fato do verbo estar no aoristo perfeito, e o complemento “cuidados de”, que reflete a estrutura circunstancial do uso do verbo. Casos típicos dessa estrutura ocorrem quando uma pessoa ou cidade é passada às mãos de outro, como no caso de um pai que entrega sua filha aos cuidados de outro homem, em razão do seu desejo ou direito de ser marido, ou do líder que entrega seu povo aos cuidados de um conquistador, em razão do seu direito de conquista. Esses usos são frequentes em Heródoto. Nesses casos, o verbo apresenta uma estrutura contendo um cedente (quem faz a cessão), um cessionário (quem recebe a cessão), o objeto da cessão (a pessoa ou cidade) e a razão da cessão (o direito ou o desejo). Além disso, o prefixo *παρὰ*, do verbo *didomi* (*δίδωμι*), reforça um entregar ou dar “ao encontro de”, “ao lado de” ou “contra”⁶⁸, como se dissesse “con(tra)-cedendo”.

⁶⁷PABÓN, Diccionario Manual Griego, p. 358.

⁶⁸JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHERS, Aprendendo Grego, p. 712.



TROCARAM FUNDAMENTALMENTE A VERDADE (METELLAXAN TEN ALETHEIAN) EM UM FINGIMENTO (EN TO PSEUDEI)

O verbo aoristo indicativo *metellaxan* (μετήλλαξαν), traduzido para “trocaram fundamentalmente”, no versículo 25, é exatamente derivado do verbo aoristo indicativo *ellaxan* (ἔλλαξαν), que se traduz a rigor para “trocaram”, no versículo 23. Esse sentido de fundamento reaparece no substantivo *ktisei*, “fundamento” (κτίσει) no dativo, e no particípio aoristo *ktisanta*, “que fundamentou” (κτίσαντα). Essas palavras, assim como *ktiseos* (“fundamento”), no versículo 20, parecem formar um jogo significativo de palavras. O advérbio “fundamentalmente” é exatamente adotado por causa do prefixo meta (μετα). Esse prefixo adiciona um sentido “além de” ou de “com”. Isto é, trocaram por algo bem distante de um valor equivalente. Novamente, evitou-se o compromisso com o pensamento medieval, que geralmente é responsável por traduções similares a “criatura em vez do Criador”.

Para o substantivo *pseudei* (ψεύδει), “fingimento”, em vez de “mentira” ou “falsidade”, parece mais próprio, em função de uma ligação implícita com Habacuque, em seus versículos 2,18-19, quanto aos que confiam naquilo que é representado pela “imagem de fundição”, que finge ter um valor de quem atende as preces, “coberto de ouro e prata, mas, no seu interior, não há fôlego nenhum”.

PAIXÕES DE DESONRA (PATHE ATIMIAS)

É conhecido, de retóricas da época, que os fatos não se apresentam da mesma forma para quem ama e para quem odeia⁶⁹. Em função disso, os retóricos ensinavam como usar as *pathe* (πάθη), traduzido comumente por “emoções” ou “paixões”, a favor dos oradores, porque tais estados de espírito comportam dor ou prazer, que geram mudanças no juízo⁷⁰. Uma vez vivendo sob os cuidados de tal estado, forma-se uma disposição no caráter da pessoa, que é difícil de mudar, porém fácil de sensibilizar, quando em contato com seu respectivo assunto. Assim, diz-se que alguém irascível tem a pré-disposição a se irar, isto é, está sob os “cuidados” da paixão da ira, o que se harmoniza com a ideia de concessão na passagem, mas referente a um tipo bem específico de paixão, o de desonra (*atimias*), ligado ao prazer sexual.

ENCOBRIAM (DOLOU)

A palavra *dolou* (δόλου) pode ser um verbo imperfeito no plural ou um substantivo genitivo. Geralmente, é adotada a segunda opção (“de engano”). No entanto, de modo a não precisar recorrer a um difícil complemento para suprir a falta de um verbo na oração, é adotada a primeira opção, com a tradução “encobriam”, que se harmoniza com a lista de substantivos no plural acusativo em seguida. Desse modo, o adjetivo *mestous* (μestous) (“cheios”) adquire a função de advérbio para esse verbo, qualificando o estado em que se encontram os que encobrem suas práticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se ainda há um algum ocultamento ou empobrecimento na tradução apresentada, já é bem menor do que o quadro anterior. O que dizer, no primeiro versículo, da escolha problemática entre

⁶⁹ARISTÓTELES, Retórica, p. 159.

⁷⁰Ibid., p. 160.



"escravo" e "servo"? A solução foi esclarecer um uso específico da palavra, colocando-a entre aspas e com um complemento, para não deixar lenta a leitura. Semelhantemente, foi assim com "carne" no terceiro versículo. Em outros momentos, foi necessário adotar uma palavra totalmente diferente, do que se esperaria do original isoladamente, para enfatizar o que o contexto imediato queria dizer, como no caso de "batizado" no quarto verso. Por fim, vale destacar importantes temas que foram contextualizados, como a natureza da fé em Habacuque, nos comentários dos versículos 16 e 17, e do tipo de conhecimento "gnóstico" em diferentes versículos.

BIBLIOGRAFIA

ANGIONI, Lucas. Aristóteles - Ética a Nicômaco - Livro VI. *Dissertatio*. Pelotas, v. 34, p. 285-300, 2011.

_____. Conhecimento e opinião em Aristóteles (Segundos Analíticos I.33). In: Marcelo Carvalho; Vinicius Figueiredo. (Org.). *Encontro Nacional Anpof I: Filosofia Antiga e Medieval*. 1ed.São Paulo: ANPOF, 2013, v. 1, p. 329-341.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 3. ed. [s.l.]: Edipro, [s.d.].

_____. *Retórica*. Trad. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto, Abel do Nascimento Pena. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005. (Obras Completas de Aristóteles).

BÍBLIA ONLINE. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br>>. Acesso em: 24 out. 2017.

BADIOU, Alain. *Saint Paul: The Foundation of Universalism*. Trad. Ray Brassier. [s.l.]: Stanford University Press, 2003.

BRUCE, Frederick Fyvie. *Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia*. Trad. Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GEORGE, Timothy. *Teologia dos Reformadores*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GINGRICH, Felix Wilbur. *Léxico do Novo Testamento Greco/Português*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GREEK and Roman Materials. Perseus Hopper. Disponível em: <<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/collection?collection=Perseus:collection:Greco-Roman>>. Acesso em: 24 out. 2017.

HART, David Bentley. *The New Testament: a Translation*. [s.l.]: Yale University Press, 2017.

HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Romanos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.



- HOMERO. *Iliada*. Trad. Lourenço, Frederico. [s.l.]: Companhia das Letras, [s.d.].
- _____. *Odisseia*. Trad. Christian Werner. [s.l.]: Cosac Naify, 2014.
- JOINT ASSOCIATION OF CLASSICAL TEACHERS. *Aprendendo Grego*. 2. ed. São Paulo: Odysseus, 2014.
- LOPES, Augustos Nicodemus. *A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação*. 1. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- LOURENÇO, Frederico. *Bíblia: Novo Testamento – Os quatro Evangelhos*. [s.l.]: Companhia das Letras, 2017.
- MONTANARI, Tatiana. Histórico. In: _____. *Embriologia: texto, atlas e roteiro de aulas práticas*. Porto Alegre : Ed. do autor, 2013. p. 1-5. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/livrodeembrio/ppts/1.Histórico.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2017.
- PABÓN, José Manuel. *Diccionario Manual Griego*: Griego Clásico-Español. [s.l.]: Vox, 1987.
- PENCO, Carlo. *Introdução à Filosofia da Linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- PERELMAN, Chain; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: A Nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ROMANS 1 Meyer's NT Commentary. Disponível em: <<http://biblehub.com/commentaries/meyer/romans/1.htm>>. Acesso em: 3 dez. 2017.
- SAYÃO, Luiz. *O problema do mal no Antigo Testamento: o caso de Habacuque*. São Paulo: Hagnos, 2012.
- STRONG'S Hebrew: 5650. (ebed) - slave, servant. Bible Hub. Disponível em: <<http://biblehub.com/hebrew/5650.htm>>. Acesso em: 24 out. 2017.
- TERTULIANO. *Tertuliano: Apologia*. Disponível em: <<http://www.tertullian.org/brazilian/apologia.html>>. Acesso em: 25 out. 2017.
- VERNANT, Jean-Pierre. *As Origens do Pensamento Grego*. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- VIELHAUER, Philipp. *História da literatura cristã primitiva: introdução ao Novo Testamento, aos Apócrifos e aos Pais Apostólicos*. Trad. Ilson Kayser. Santo André, SP: Academia Cristã, 2005.

Recebido em: 16/01/2019

Aprovado em: 10/05/2019